

ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS NA COMPOSIÇÃO DO GÊNERO “CARTA DO LEITOR”*

Gerson Tavares do Carmo
(Universidade Estadual do Norte Fluminense)

RESUMO

O presente trabalho ocupa-se da reconvocação dos elementos da retórica clássica presentes nas obras de Aristóteles e Quintiliano, com destaque para o entimema, bem como do uso desses elementos como conhecimento necessário para o processo de ensino e aprimoramento da escrita argumentativa de estudantes de pós-graduação na produção de um gênero específico: a carta do leitor. A metodologia empregada neste artigo teve natureza qualitativa, com o propósito de construir um instrumento para análise de cartas argumentativas produzidas em um experimento realizado num curso de pós-graduação. Dentre as cartas produzidas por doze pós-graduandos, foram escolhidas cartas de uma mestranda de psicologia como ilustração da aplicação do instrumento. Nesse sentido, foram apresentados a essa estudante os elementos da retórica clássica, assim como a disposição e o funcionamento destes na produção do gênero em questão, partindo do entimema como elemento central. Simultaneamente, foram analisados exemplares do gênero carta do leitor enviados à *Revista Carta Capital*, a fim de reconhecer neles a presença desses elementos e analisar de que maneira estes se combinam e contribuem para tornar o texto argumentativo objetivo, claro e persuasivo. Ao final de cada encontro, a partir da leitura de matérias da revista, a estudante passou a produzir cartas semelhantes às enviadas para a seção do leitor, com o propósito de empregar os elementos reconvocados vistos até ali. A experiência mostrou que o uso desses elementos foi capaz de contribuir para a melhoria da prática da escrita argumentativa dessa aluna.

PALAVRAS-CHAVE: Carta do leitor - entimema - retórica - ensino da argumentação.

Introdução

Como contribuir para que estudantes do ensino médio, e mesmo estudantes do ensino superior, se tornem capazes de defender ou refutar, por escrito, argumentos, de maneira objetiva, clara e persuasiva? É esta pergunta que norteia todo este trabalho. Não é raro escutar esses mesmos estudantes se queixarem de dificuldades na hora de redigir, quer sejam os denominados “textos de opinião” (artigo de opinião, crônica esportiva, carta do leitor, entre outros), quer sejam os denominados “textos acadêmicos” (fichamento, resumo, resenha, entre outros).

Quando ouvidos, esses estudantes apontam como problema – exceção feita às particularidades de cada gênero – não só não saber o que dizer, mas não saber por onde começar o texto, e como distribuir ao longo dele as ideias, à medida que elas lhes surgem. Ou seja, queixam-se de, por não saber onde encontrar as ideias necessárias e como fazer a distribuição delas no texto, não se fazerem compreender, inclusive por eles próprios. Surge, daí, a seguinte indagação: uma das causas da dificuldade de “colocar ideias no papel” não seria o desconhecimento generalizado do que caracteriza um texto argumentativo, isto é, seus elementos constitutivos?

Diante do problema da dificuldade na prática da escrita argumentativa, mesmo entre estudantes com mais de dez anos de escolaridade, a dúvida transformou-se na seguinte hipótese: o uso consciente dos elementos reconvocados da retórica clássica para a produção textual auxilia na superação das dificuldades referentes à escrita.

O percurso deste trabalho procurou compreender dois tratados da retórica clássica, escritos por dois ilustres pensadores da Antiguidade, a saber: *Retórica*, de Aristóteles (séc. IV a. C.), e *Instituições Oratórias*, de Quintiliano (séc. I d. C.), na intenção de encontrar, nessas obras, elementos empregados supostamente para evitar ou solucionar problemas no processo de produção do texto argumentativo, à época, e reconvocá-los com o propósito de empregá-los na solução de problemas que enfrentamos hoje.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral realizar uma intervenção pedagógica de ensino da escrita argumentativa a partir do gênero carta do leitor por meio da reconvocação dos elementos da retórica clássica, em especial o entimema. Como objetivos específicos, pretende-se: a) demonstrar teoricamente a centralidade do

entimema na produção do texto argumentativo, no gênero carta; b) comparar conjuntos de cartas produzidas em cada etapa de produção; e c) avaliar a evolução das produções textuais de modo a verificar se a demonstração teórica apresentada corresponde a uma demonstração prática nas cartas do leitor em sua última etapa.

Quanto à escolha do periódico, optou-se pela *Revista Carta Capital*¹, porque, além de publicar na íntegra as cartas selecionadas para a seção do leitor, intitulada “Cartas capitais”, ela premia mensalmente a melhor carta enviada, considerando a “argumentação inteligente e concisa”. Trata-se de uma garantia de que tais cartas podem ser aproveitadas como *corpus* privilegiado para a análise com os estudantes.

Este artigo está organizado de modo a estabelecer associação teórica entre a retórica – em especial o entimema – e a carta do leitor. O instrumento metodológico foi construído a partir das orientações de Leach (2002) e da análise em si das cartas selecionadas para observar-lhes a evolução e, portanto, identificar os resultados da intervenção pedagógica realizada. Estes são sintetizados nas conclusões deste estudo.

O entimema e a carta do leitor

Há vinte e cinco séculos, logo na abertura da sua *Retórica* – “poderosa síntese, apoiada numa investigação sistemática, que abrangia todos os tratados anteriormente publicados” (MARROU, 1966, p. 310) – Aristóteles (séc. IV a.C.) hasteou o entimema como elemento central do discurso argumentativo. Isso ocorreu antes mesmo de apresentar uma definição para “retórica” como “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44) –, o que só é feito no início do segundo capítulo da mesma obra.

O entimema, do grego antigo “ideia, pensamento” (PLATIN, 2008, p. 51), é, pois, considerado por Aristóteles “a substância da persuasão”, ou a corporificação do que é possível compreender atualmente por “argumento” (COSTA, 2008, p. 34). Em *Retórica*, o filósofo define esse tipo de argumento a partir de duas outras obras atribuídas a ele, *Analíticos Anteriores* e *Analíticos Posteriores*, em que trata do ‘silogismo analítico’ / ‘lógico’. Ambos têm estreitas semelhanças, a ponto de o filósofo assegurar que “o entimema é um tipo de silogismo”, e que, por consequência,

[...] aquele que está melhor capacitado a perceber como e a partir de que elementos um silogismo é produzido disporá igualmente da melhor habilidade para o manejo do entimema quando conhecer adicionalmente os objetos de que tratam os entimemas e as diferenças que o distinguem dos silogismos lógicos (ARISTÓTELES, 2011, p. 42).

Para o filósofo grego, diferentemente do silogismo analítico, o entimema (ou “silogismo retórico”) pode assentar-se sobre premissas necessárias, “ao passo que a maior parte delas terá apenas um caráter contingente” (ARISTÓTELES, 2011, p. 49). Em outros termos, para ele, o silogismo analítico caracteriza-se por fundamentar-se sobre evidências, enquanto o entimema, não apenas sobre evidências, mas principalmente sobre a opinião geral.

No que diz respeito ao emprego do entimema e do silogismo lógico, Aristóteles (2011) declara que se trata de empregar o meio apropriado aos fins do discurso argumentativo, ou seja, à persuasão. Nesse caso, o entimema figura como “[...] o mais eficaz dos meios de persuasão” (ARISTÓTELES, 2011, p. 42).

O gênero sobre o qual este artigo se detém é a “Carta do leitor”. Definido como “geralmente de opinião (argumentativo)” (COSTA, 2008, p. 54), caracteriza-se por ser

[...] um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe da revista/jornal, respectivamente), atendendo a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É um gênero de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando, assim, ao público em geral sua leitura (BEZERRA, 2002, p. 210).

Acerca dos “diversos propósitos comunicativos” arrolados acima na definição de Bezerra (2002), é possível acolhê-los como hipônimos de “opinativo”, e, portanto, de “argumentativo” (SAVIOLI; FIORIN, 2001).

Para Aristóteles (2011, p. 212), “o assunto global da retórica tange unicamente ao que se relaciona com a opinião”. Por esse motivo, defende-se aqui a reconvocação dos elementos da retórica clássica, como o entimema, para a produção da “Carta do leitor”, visto que tanto esta quanto aquele se dedicam à mesma matéria.

É possível considerar a argumentação do território propício ao

entimema, conforme observava Aristóteles. Porém, antes de avançar no que se refere ao funcionamento do entimema e sua manifestação na carta do leitor, é necessário destacar qual concepção de argumentação norteia este trabalho, uma vez que esta é fundamental na compreensão da importância do entimema para a prática da escrita argumentativa e do discurso em geral.

Primeiramente, faz-se necessário convocar dois importantes autores que tratam da argumentação: Perelman e Olbrechts-Tyteca, considerados responsáveis pelo processo de reabilitação das questões próprias da retórica, no século XX. Para os autores,

O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1999, p. 50).

Nesse sentido, pode-se considerar possível que, assim como foi o objetivo da retórica, segundo Aristóteles, o objetivo da argumentação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999), concentre-se na persuasão e não no estabelecimento da verdade (o que não significa o mesmo que 'fazer crer no que é falso').

Sobre a importância do entimema na produção da carta do leitor, uma vez que aquele se constitui 'elemento central do processo argumentativo', e esta se manifesta marcadamente argumentativa, torna-se importante compreender como se dá tal processo na produção do gênero em destaque. De acordo com Aristóteles (2011, p. 250),

O discurso comporta duas partes, já que é necessário indicar o assunto tratado e, em seguida, proceder à demonstração. Aliás, é impossível, uma vez que esteja indicado o assunto, omitir-se à demonstração, tanto quanto proceder a essa demonstração sem ter previamente anunciado o assunto. Com efeito, ao demonstrar, demonstra-se alguma coisa somente se a anuncia visando demonstrá-la. A primeira dessas é a *exposição*, ao passo que a segunda é a *argumentação*, é a nossa distinção entre *questão* e *demonstração*.

Compreende-se, portanto, o entimema como a parte central do discurso e composto de duas partes necessárias: a proposição e a demonstração.

Quintiliano (séc. II d. C.), no primeiro tomo da obra intitulada *Instituições Oratórias*, apresenta também o entimema segundo forma-

to semelhante, porém laconicamente: “[...] chamão o *Entymema* assim o mesmo argumento, isto he, a razão que trazemos para provar, com a sua enunciação” (BARBOZA, 1836, p. 275).

Com o intuito de perceber como se dá o entimema e suas partes na carta do leitor, Fisher (2008), professor de lógica da Universidade de East Anglia, Inglaterra, o chama de “método geral para análise de argumentos”, no livro *A lógica dos Verdadeiros Argumentos*. Na obra, o autor trata do método desenvolvido para ajudar seus alunos a “isolar e avaliar argumentos de textos escritos e [...] ajudá-los a elaborar, eles próprios, bons argumentos” (FISHER, 2008, p. 7). O método consiste na identificação da ‘conclusão principal’ (porquanto, trata também da ocorrência de “conclusões intermediárias”) de um argumento e, em seguida, das razões que a fundamentam, por meio da “Pergunta de Asseribilidade”: “Que argumento ou indício me daria justificação para asserir a conclusão C? (O que teria eu de saber ou acreditar para ter justificação para aceitar C?)” (FISHER, 2008, p. 33).

Antes de empregar o método elaborado por Fisher (2008), é importante ver o que ele compreende por argumento. Para o autor, argumento é o mesmo que “cadeia de raciocínio” (FISHER, 2008, p. 1), e “raciocinar ou argumentar a favor de algo consiste em oferecer fundamentos ou *razões* a favor de conclusões, e as razões são apresentadas a fim de *sustentar, justificar, estabelecer, provar* ou *demonstrar* a conclusão” (FISHER, 2008, p. 24, grifos do autor). Em seguida, o autor retoma as mesmas concepções acima, ao declarar que “todos os argumentos também incluem a apresentação de fundamentos ou *razões* a favor da sua conclusão. Uma razão é geralmente apresentada como *verdadeira* e como *uma razão* a favor de uma conclusão” (FISHER, 2008, p. 25, grifos nossos).

Se por um lado o autor, que é um professor de lógica, fia-se nas noções de verdadeiro e falso no tratamento do argumento, nada mencionando a respeito do provável; por outro, parece aproximar-se do que é denominado aqui entimema, e, portanto, da própria retórica. Fisher (2008) admite que “a conclusão, algumas vezes, não consta do argumento”, e também que “as razões acabam por vezes não aparecendo em um argumento apesar de se pressupor que essas razões fazem parte do argumento” (FISHER, 2008, p. 28). Essas características fazem a concepção de argumento afastar-se do que se compreende por silogismo lógico e o aproxima do entimema, conforme apresentado neste trabalho (ARISTÓTELES, 2011, p. 48).

Não obstante, podemos alegar que o mérito de Fisher (2008) reside em empregar o “mecanismo” do silogismo lógico na tentativa de compreender argumentos verdadeiros, isto é, entimemas.

Assim, parece útil tal método, pois o que Fisher (2008) propõe fazer no sentido da identificação do argumento, a partir das suas etapas, ou seja, da conclusão e suas razões, não se diferencia tanto do que Aristóteles e Quintiliano propunham fazer, há mais de vinte séculos, no que diz respeito à produção do discurso argumentativo.

Assim, considera-se possível empregar o método de Fisher (2008) na identificação e análise das etapas do argumento no gênero discursivo carta do leitor. Isso possibilita notar neste gênero a presença física do argumento, o que destaca seu caráter argumentativo. Nesse sentido, tal método é tributário das operações retóricas empregadas na produção do discurso argumentativo, que parece iniciar-se com o delineamento do argumento a partir da causa, o que se pode sentir nos tratados dos dois pensadores da Antiguidade mencionados.

Na obra intitulada *Antiga Retórica*, Barthes (2001, p. 49), ao abordar “a distribuição canônica das partes da *technè*”, compara a retórica a uma “rede de *montagem*”, a que chama “máquina retórica”: “Na ‘máquina’ retórica, o que se coloca no início, mal emergindo de uma afasia nativa, são matérias brutas de raciocínio, fatos, um ‘tema’; o que se encontra no fim é um discurso completo, estruturado, totalmente armado para a persuasão”.

As “partes da *technè*” a que se refere Barthes (2001) constituem as etapas de produção do discurso operacionalizadas por essa “máquina”, e correspondem, na retórica antiga, às cinco operações a seguir: a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *actio* e a *memo*.

Para Ducrot e Todorov (2007), a distribuição dessas operações não é apresentada na *Retórica* de Aristóteles (embora seja possível defender que essa distribuição já se encontrasse ali sugerida), mas em um tratado, ligeiramente posterior à obra do mestre do Liceu, cujo título e autoria não revelam. Os mesmos autores apresentam as cinco operações assim:

- 1) *inventio*: assuntos, argumentos, lugares, técnicas de persuasão e de amplificação; 2) *dispositio*: arranjo das grandes partes do discurso (exórdio, narração, discussão, peroração); 3) *elocutio*: escolha e disposição das palavras na frase, organização do pormenor; 4) *pronuntiatio*: enunciação do discurso; 5) *memória*: memorização (DUCROT; TODOROV, 2007, p. 80).

Neste artigo, a ênfase recai na reconvocação dos elementos da retórica antiga (que podem ser compreendidos a partir de agora como “atos de estruturação progressiva”) preconizados por Aristóteles e Quintiliano. Portanto, na tentativa de aplicá-los na prática de um gênero específico – a carta do leitor –, não se pode deixar de considerar as particularidades do gênero em análise como, por exemplo, a ‘concisão’. As cartas dos leitores concorrem umas com as outras por espaço no periódico. No caso da *Carta Capital*, este é um dos critérios da revista para a seleção da melhor carta do mês: a argumentação inteligente e concisa é decisiva no julgamento.

A partir das ideias de autores clássicos como Aristóteles e Quintiliano, é possível constatar que a produção do discurso – que se inicia desde a fase de investigação da causa e inventariação das provas, apresentada como *inventio* e que parece abranger o que atualmente se entende como “planejamento” do texto –, não se dá de “cima para baixo”, ou do começo para o final, como se processa a leitura, mas sim “de dentro para fora”. Já a *dispositio* constitui-se como a operação norteadora do arranjo dessas etapas, segundo a maneira como elas se devem apresentar no discurso pronto.

Procedimentos metodológicos

A experiência, realizada durante os encontros do grupo de pesquisa “Escrita: poder e subjetividades” do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (PGCL), da UENF, levou à consolidação de um instrumento de planejamento de ensino para o aperfeiçoamento da escrita argumentativa de doze estudantes de pós-graduação na produção da carta do leitor.

É importante citar as especialidades dos alunos participantes do grupo de pesquisa, tendo em vista a necessária consciência de que certamente o nível de escolaridade, bem como suas especialidades, influenciou os resultados da intervenção, no sentido de um entendimento mais rápido das proposições de atividades, experiências prévias com a escrita, a prática de socialização de opiniões, entre outros. Assim, participaram da intervenção: quatro pedagogas, três jornalistas, duas psicólogas, um advogado, um geógrafo, uma fisioterapeuta e uma socióloga. A heterogeneidade do grupo contribuiu para a emergência de pontos de vistas diferenciados em cada etapa do trabalho, enriquecendo as discussões e os esclarecimentos de dúvidas. Entretanto, neste artigo, para que o conteúdo analisado não fique muito

extenso, optou-se por comentar apenas as cartas de uma das alunas, denominada aluna “A”.

Inicialmente, foi apresentado o entimema como argumento central e ponto de partida do processo de produção do texto argumentativo. Em seguida, a cada encontro, foram apresentadas as operações e etapas de produção do texto, bem como suas características. Uma vez apresentados esses elementos, seguiu-se a identificação deles em cartas do leitor enviadas para a *Revista Carta Capital*. A cada encontro, após avançar no tratamento desses elementos, bem como ressaltar as particularidades do gênero (quem o produz, com que finalidade é produzido, para quem é produzido, onde circula, entre outros), os estudantes eram orientados a produzir suas próprias cartas, com base em matérias da revista, a fim de tentarem utilizar os elementos apresentados até ali.

Assim, o estabelecimento da situação retórica das cartas a serem analisadas; a identificação dos tipos de discurso persuasivo conforme empregados pela retórica clássica; a aplicação das três primeiras das cinco operações da retórica, com ênfase no argumento enquanto elemento central e gerador do discurso argumentativo; e a revisão e o aprimoramento da análise empregando as orientações reflexivas foram momentos de produção das cartas do leitor, *corpus* constituído para análise.

A metodologia empregada neste artigo teve natureza qualitativa, com o propósito de construir um instrumento para análise das cartas de uma estudante de psicologia. Para tanto, foi utilizada a pesquisa de Leach (2002) sobre *análise retórica*. Tal referência metodológica, exclusivamente focada na produção de textos argumentativos, foi necessária para o aprofundamento desejado no processo de construção do objeto de pesquisa.

A primeira categoria de análise proposta é a *exigência*, que considera a dimensão de tempo de um discurso específico persuasivo (*kairos*) e sua conveniência (*phronesis*). Ela leva em conta o contexto e as expectativas do auditório para que o discurso não soe extemporâneo nem inapropriado diante dele. De acordo com esse autor, identificar “a exigência da retórica necessária do momento” situa a análise e garante que a análise seja contextualizada (LEACH, 2002, p. 300).

A segunda categoria de análise proposta por Leach (2002) é o *público*. Esse critério permite identificar de que maneira o texto, sua linguagem e conteúdo tratam, selecionam, posicionam e mesmo “cri-

am” seu auditório. Para esse autor, “embora o público nem sempre permaneça necessariamente preso ao texto, este, retoricamente, trata seu público de maneira tal que pode ser discernida na análise” (LEACH, 2002, p. 300).

O terceiro critério é o da *teoria das estases*. Com base nas três “estases” ou gêneros da retórica clássica, ele ajuda a classificar um discurso argumentativo conforme as características delimitavam aqueles primeiros. Caso determinado discurso argumentativo procure defender uma causa passada como “verdadeira”, como se estivesse em uma tribuna diante de um júri, esse discurso pode ser classificado como judiciário. Caso ele tente estabelecer o melhor rumo a seguir, imaginando-se frente a uma assembleia a quem cabe decidir sobre questões futuras, esse discurso pode ser classificado como deliberativo. Caso ele avalie determinado acontecimento recente ou um indivíduo contemporâneo numa solenidade, com o propósito de louvar ou censurar, esse discurso pode ser classificado como epidítico. Leach (2002) defende que muitos discursos persuasivos participam de mais de uma estase, daí a utilidade dessa classificação.

A quarta categoria de análise é a da *invenção (inventio)*, e tem a ver com o processo de investigação e inventariação empreendido pelo autor ao longo da produção do texto. Nesse processo, seu autor deve procurar estabelecer, para si e para o público, a proposição principal do argumento, sua causa em relação a seu auditório, suas fundamentações e outras questões necessárias para cada etapa admitida no texto. Esse critério permite identificar se o autor percorreu com aproveitamento essas questões, a partir do tratamento conferido ao argumento central e suas etapas subsequentes (LEACH, 2002, p. 301).

A quinta categoria consiste na *disposição (dispositio)* e explora a organização do texto em etapas. Tal critério identifica se a distribuição das etapas admitidas nele, a partir do argumento ali presente, segue a ordem preconizada pela retórica. Ele permite ainda identificar de que maneira a organização do texto e seu argumento se relacionam de modo a produzir a persuasão clássica (LEACH, 2002, p. 303).

A partir dessa categoria, com o propósito de procedermos a uma análise mais detalhada, elaboramos as subcategorias *exórdio*, *narração*, *confirmação* e *epílogo*, que julgamos permitirem identificar se tais etapas foram admitidas, no texto, e se, por sua vez, respeitam suas etapas operacionais.

A sexta categoria apontada por Leach (2002) é o *estilo*. Para

esse autor, “é importante considerar o estilo como uma parte intrínseca ao discurso, como uma dimensão complexa da relação entre forma e conteúdo” (p. 303). Segundo ele, estilo e contexto relacionam-se. Por isso, essa categoria é útil para identificar os tipos de registro empregados, as formas de pessoalização e impessoalização, as figuras de linguagem, bem como o efeito persuasivo que essas atitudes podem desencadear.

Processo de produção e de análise de cartas do leitor

Do total de vinte e nove cartas de doze alunos, foram selecionadas quatro cartas de uma aluna como ilustração da aplicação do instrumento. Ciente dos objetivos da pesquisa, ela assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Por questão de sigilo, a aluna será denominada de “A”.

Para a apresentação da análise, primeiro inserimos as cartas produzidas por “A” (Quadros 1, 2, 3 e 4). Em seguida, foram tecidos comentários sobre a evolução da produção escrita da aluna.

Quadro 1 – Carta: “Complexo de vira-lata” (AMORIM, 2011)

Caro Celso Amorim, ao ler seu artigo “A obsessão e o complexo de vira-lata” certas questões se fizeram, a meu ver, necessitadas de um maior desdobramento. A primeira delas é um famoso “complexo de inferioridade brasileiro” muito recorrente quando nos deparamos com questões internacionais. Crescemos com a repetição de que o Brasil é um país de terceiro mundo, com altos índices de pobreza e analfabetismo, situação que nos provoca grande vergonha quando comparados aos países de “primeiro mundo”. Talvez seja esta a origem de nosso receio em “não nos meter em assuntos que não são de nossa alçada” como tão bem colocou no final do artigo. Entretanto esta aparente baixa autoestima gerou um efeito compensatório de se valorizar o que é errado de se tirar vantagem do outro, ou seja, o famoso “jeitinho brasileiro” tão conhecido em piadas comumente difundidas. O brasileiro, que se acha tão pequeno diante do contexto mundial, usa seu complexo de vira-lata como um direito à exceção, como se o fato de termos nascido neste país subdesenvolvido nos desse o direito de conseguirmos o que queremos de qualquer maneira – o que é culturalmente valorizado em nosso país – e como se o mundo nos devesse algo, já que somos tão “injustiçados” de aqui termos nascido.

Como segunda e última questão ressalto que este quadro finalmente está mudando, o povo agora se valoriza pelo crescimento financeiro, pela Copa, pela Olimpíada, pelos filmes etc. Enfim, a autoestima está crescendo pelos motivos certos, e talvez nosso quadro internacional também.

Quadro 2 – Carta: “Todo poder à Fifa” (CARVALHO, 2011)

As exigências da Fifa para a Copa de 2014 no Brasil estão levantando polêmicas. Sendo a primeira um importante órgão internacional, aproveita-se disso para confrontar as políticas nacionais brasileiras, seja em nome do lucro, seja em nome de um perfeccionismo afrontoso.

O preocupante atraso nas obras para a Copa, muitos causados por superfaturamento ou problemas com licitações, é reforçado com as exigências da Fifa e de patrocinadores da Copa, o que acarreta em encarecimento do custo final e falta de qualidade dos projetos. Um dos principais embates correntes se refere ao Brasil não aceitar liberar bebidas alcoólicas nos estádios, bem como não abrir mão da meia-entrada para idosos, estudantes e deficientes – ambas as ações são previstas por leis municipais e estaduais.

Reivindicando o ganho dos patrocinadores, marcas de bebidas alcoólicas, e o ganho próprio, centrado na questão dos ingressos, “sua majestade” a Fifa, desrespeita políticas internas de países sede deste importante evento mundial. Resta saber se em nome deste megaevento, o Brasil deixará em segundo plano seus valores socioeconômicos e morais, a fim de satisfazer os caprichos da Fifa.

Quadro 3 – Carta: “O Frei e o Aborto” (MARTINS, 2011)

A interessante matéria sobre o Frei Julian Cruzalta e seu posicionamento a favor da descriminalização do aborto – que vem gerando grandes desamores por parte dos colegas eclesiastas e dos fiéis – nos traz novamente o polêmico tema do aborto e do domínio da igreja nas mentes e corpos das pessoas, principalmente das mulheres.

A igreja que, desde a inquisição, se intitula a autoridade capaz de decidir sobre a vida e vontade dos sujeitos, tem como tradição a culpabilização da mulher, já que esta seria a responsável por toda a humanidade ter sido expulsa do paraíso. Este ser (a mulher), a priori inferior e culpada, também é uma assassina ao escolher a direção que dará à sua vida e ao seu corpo. Porém, omite-se que os direitos desta mulher já foram assassinados antes, quando a

educação, a prevenção e as políticas públicas não chegaram a ela. Qual não deve ter sido a surpresa das entidades católicas quando um dos seus levanta-se para defender as mulheres, bem como o pressuposto mais básico de uma sociedade minimamente reflexiva: educação em lugar de repressão. Admirável é a conduta de Julian Cruzalta, mas em um país tão católico, onde religião, política e leis frequentemente se aproximam, nosso prognóstico não é dos melhores. Entretanto as mudanças já começaram, a igreja que se prepare daqui para frente.

Quadro 4 – Carta: “E o crime compensa” (MAIEROVITCH, 2011)

Este artigo nos mostra a triste combinação que reina em nosso país: desonestidade de políticos e governantes somada à impunidade e a falha na execução das leis, uma receita que permite a alimentação simultânea de seus ingredientes já que a impunidade acaba alavancando a desonestidade.

Muitos questionam se o “costume” de alguns engravatados em tirar vantagens econômico-financeiros do dinheiro público seriam um reflexo do chamado jeitinho brasileiro, um costume nacional – supostamente – de conseguir coisas por vias nem sempre legais ou bem vistas.

Outros questionam se o mau exemplo de nossos governantes influenciam o comportamento do brasileiro. Entretanto o questionamento mais adequado seria para quem a lei funciona ou não, para quem a impunidade reina, para quem a lei é mais branda ou mais grave. Vale refletir sobre a tradição do crime de “colarinho branco”, sobre os ricos e nobres que, enquanto réus, incrivelmente veem tudo terminar em pizza. Assim, tendo em conta que o status do réu irá refletir invariavelmente em seu julgamento, o movimento que deve ser feito é o de igualar os cidadãos perante a constituição, fazer com que a justiça, ou seu oposto, ocorra em frequência igual a todos os segmentos da população, não privilegiando a quem tem maiores condições de oferecer propinas ou favores.

Análise das cartas do leitor

A análise das cartas da aluna “A” permitiu a observação de que a produção competente do gênero carta do leitor exige que, antes de tudo, o autor seja um leitor competente. Para ser competente, de fato, na produção desse gênero é preciso que o autor da carta seja capaz de reconhecer o que a define enquanto gênero argumentativo. Nesse sentido, é preciso que compreenda não apenas a dinâmica do contex-

to de produção da carta (por quê, por quem, para quem, com que propósito e quando ela é escrita), mas também a dinâmica do próprio texto, que é a dinâmica interna da própria carta. Ou seja, é preciso que o autor compreenda que ela se constrói a partir de um argumento principal, estruturante de todo o texto, sem esquecer que esse processo de produção é desencadeado, por sua vez, pela identificação e confrontação de argumentos presentes na matéria a que a carta procura responder. Logo, a produção competente da carta do leitor exige uma leitura competente da matéria, na tentativa de saber qual é o argumento principal e demais argumentos defendidos ali.

No que diz respeito às cartas analisadas, é possível afirmar que a aluna “A”, na carta produzida (Quadro 1), não realizou uma leitura suficientemente competente da matéria que deflagrou a carta, o artigo de opinião “A obsessão e o complexo de vira-lata”, escrito por Celso Amorim. Desse modo, a carta do Quadro 1 parece apresentar uma compreensão confusa e equivocada do que é tratado no artigo, pois identifica como comum a todo brasileiro uma característica que é atribuída pelo articulista a um grupo específico: a elite brasileira que, segundo ele, “insiste em ver o Brasil como um país pequeno” (AMORIM, 2011, p. 7). Isso faz com que a carta não atenda ao primeiro critério de análise, que é o de *exigência*, por não convir tratar como geral uma característica que é apresentada como particular.

No entanto, ao longo das três cartas seguintes (Quadros 2, 3 e 4), à medida que se familiariza com a carta do leitor enquanto gênero argumentativo e se aproxima dos elementos da retórica clássica a partir do entimema – compreendido como argumento e elemento desencadeador do processo de produção do texto –, a autora vence esse obstáculo inicial.

O segundo critério é o de *público* e está diretamente associado ao anterior. Isto é, uma vez que o autor sabe identificar “a exigência da retórica necessária do momento” a partir da compreensão efetiva da matéria deflagradora da carta, ele é capaz de saber também que público tem diante de si – e até que ponto pode, por meio da linguagem, selecionar, posicionar e “criar” esse público. Por não atender ao critério de *exigência*, na carta do Quadro 1, a aluna acabou dirigindo-se a um público que não correspondia ao objetivado pelo artigo. Além disso, acabou dirigindo-se a um público contrário àquele pretendido pelo próprio articulista, aparentemente sem se dar conta disso.

Nas demais cartas (Quadros 2, 3 e 4), é possível identificar uma compreensão por parte da autora da carta no que se refere à “criação” do público. Na carta do Quadro 3 – que responde à matéria de Rodrigo Martins, “O frei e o aborto” –, apesar de não empregar um vocativo específico, a autora parece dirigir-se a um público específico formado pela totalidade das mulheres, alvo secular de uma sociedade sexista e impiedosa, e formado também por membros da Igreja, que hoje veem a instituição forçada a adaptar-se a mudanças sociais. Nessa carta, a compreensão do critério de *público* é satisfatória, o que contribui para uma argumentação mais persuasiva.

No terceiro critério, intitulado *teoria das estases*, cabe a compreensão de que o gênero carta do leitor pode abranger um julgamento, uma deliberação e um elogio (ou censura), capaz de fazer o autor percebê-la mais claramente como um gênero argumentativo persuasivo. Mesmo que a carta do Quadro 1 não tenha atendido aos dois primeiros critérios, nela se manifestam as características previstas no terceiro, uma vez que ali é possível reconhecer o ataque a um comportamento atribuído – ainda que equivocadamente – a todo o brasileiro até hoje, o que caracteriza o gênero persuasivo judiciário, bem como a censura a esse comportamento, caracterizando o gênero persuasivo epidítico. É válido afirmar a compreensão de que as características de cada um dos três gêneros persuasivos da retórica clássica podem predominar, e mesmo se combinar. No gênero carta foi assimilado desde o início pela aluna “A”.

A respeito do quarto critério, denominado *inventio*, a aluna “A” apresenta um perceptível avanço no que se refere à compreensão de que, para quem escreve, saber que proposição pretende defender e que outras proposições são capazes de defender esta primeira é fundamental. Ou seja, é de grande valia que o autor saiba o argumento principal do texto que pretende escrever. À medida que se dá este avanço, parece que a aluna “A” passa a ler mais atentamente a matéria que deflagrou a carta, a fim de recorrer àquela como fonte para a “inventariação” do que pode servir como fundamentação ao argumento a ser defendido. Nesse sentido, é possível ainda perceber que a autora passa a recorrer a outras fontes no intuito de encontrar proposições que fundamentem seu argumento. Assim, o aspecto mais afirmativo da compreensão da *inventio* como primeira operação retórica na produção de um texto é o de saber que, como a argumentação está sempre presente em qualquer texto, o autor deve, portanto, ser

capaz de saber qual o argumento principal do texto que pretende escrever, antes mesmo de escrevê-lo.

Em relação ao quinto critério, a *dispositio*, há uma compreensão que parece acompanhar as alunas participantes da pesquisa de que o texto argumentativo deve distribuir-se em três etapas: começo, meio e fim. Ou, em outros termos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Essa divisão faz lembrar aquela preconizada nos manuais de retórica clássica, mas há, entre a primeira e a segunda, diferenças fundamentais. Uma delas é a de que, conforme os manuais da retórica clássica, são quatro as etapas em que se distribui o texto argumentativo. À primeira e à última etapa, predominantemente passionais, cabe “emoldurar” a segunda e a terceira, que compõem o “bloco demonstrativo” do texto, lugar onde se encontra o argumento principal. A compreensão desta estrutura como recomendável, mas não obrigatória, é percebida no avanço da carta do Quadro 1 à do Quadro 4, na proporção em que seu texto passa a ter as ideias não apenas mais bem distribuídas ao longo dele, mas essa distribuição implica a produção de um texto argumentativo mais persuasivo. Isto é, a distribuição das etapas nas cartas da aluna “A” parece procurar garantir ao texto, além de objetividade e clareza, uma estruturação que pretende preparar o leitor para a adesão ao argumento principal veiculado por ele, ou seja, para a persuasão.

No que compete ao sexto critério, intitulado *estilo*, este corresponde ao tratamento destinado à linguagem usada na produção do texto a fim de criar ou aumentar a adesão dos leitores ao argumento ali defendido. Ao longo da produção das cartas, a aluna “A” parece começar a apoderar-se dos recursos de estilo, como a *metáfora*, ajustando-a ao público que procura “criar” para sua carta, e a *repetição*, sem que esta figure como uma redundância, mas como um recurso persuasivo, de maneira a empregá-los nos momentos (etapas) mais apropriados, segundo os clássicos. É possível perceber também a tentativa dessa autora de alternar a primeira e a terceira pessoa, a fim de se aproximar e se afastar do leitor para tornar a carta ora mais, ora menos impessoal.

Conclusões

Menos que recuperar uma tecnologia de vinte e cinco séculos no que diz respeito à escrita argumentativa persuasiva, este artigo pretendeu provocar o contato com um recurso discursivo secular-

mente conhecido e laboriosamente construído, destruído e reconstruído, desde Córax e Tísias, no século V a.C., na antiga Sicília, até hoje em dia – haja vista os recentes esforços em recuperar, traduzir e reeditar obras ou mesmo fragmentos sobre o tema. Se não se pode reivindicar para este estudo o mérito de uma imersão aprofundada na questão, reivindica-se, ao menos, o registro de tê-la exposto diante de estudantes que, em oito semanas, descobriram, ou simplesmente, confirmaram que a busca pelo domínio da escrita de modo a despertar a atenção de interlocutores, alcançar a sua solidariedade e provocar a adesão às suas ideias é uma empreitada que atravessa milênios.

Assim, considerando a hipótese de que o uso consciente dos elementos reconvocados da retórica clássica para a produção textual auxilia na superação das dificuldades referentes à escrita, é possível afirmar que o objetivo de se criar um instrumento foi alcançado nesta pesquisa. De acordo com o que se pôde observar, o que é capaz de tornar um texto argumentativo persuasivo, ou mais persuasivo, é o uso consciente dos elementos reconvocados da retórica clássica. Em outros termos, a partir do momento em que a estudante de psicologia soube qual era o argumento a ser defendido, os textos argumentativos por ela produzidos – ou seja, as cartas – passaram, em sua maioria, a ser desenvolvidos de modo a que todas as etapas em torno da *discussão* (etapa na qual se encontra o argumento) se voltassem para a adesão dos interlocutores à proposição ali defendida.

No que se refere à centralidade do argumento, compreendeu-se que a produção do texto argumentativo acontece simultaneamente de “dentro para fora” e de “cima para baixo”. Ou seja, ao mesmo tempo em que o ato da escrita prevê um texto com “início, meio e fim”, a consciência de que a escrita é um ato argumentativo persuasivo faz com que o autor do texto encaminhe o seu leitor ou ouvinte a aderir a uma proposição específica, para a qual todo o texto deve convergir. Embora a carta do leitor, devido às contingências impostas ao próprio gênero, seja um texto breve, foi importante para os estudantes compreender que tudo o que “entra” no texto deve convergir para a adesão à proposição central dele.

De tudo o que se pode concluir da breve experiência proporcionada por esta pesquisa, é que talvez um caminho possível, no sentido de possibilitar a estudantes de diferentes classes sociais uma aprendizagem efetiva da escrita argumentativa, seja o recuo estratégico. Isto é, recuar para avançar. Um recuo no espaço e no tempo. Talvez seja pre-

ciso revisitar os clássicos, reconvocá-los, recuperar o que se perdeu nas dobras do tempo. Quem sabe não se encontre entre mestres como Aristóteles e Quintiliano o “elo perdido” para a compreensão das limitações e deficiências do ensino-aprendizagem da escrita atual.

ABSTRACT

This paper deals with the recall of classical rhetoric elements in Aristotle and Quintilian’s doings, highlighting the enthymeme as well as the use of these elements as necessary knowledge for teaching and improving post graduate student argumentative writing in the production of a specific genre: the reader’s letter. The methodology used in this paper was qualitative, with the purpose of building a tool for the analysis of argumentative letters produced in an experiment that took place in a post graduate course. Among the letters produced by twelve postgraduate students, it was selected the ones written by a master’s degree student in Psychology as an illustration of the instrument. Accordingly, this student was introduced to the classical rhetoric elements, as well as the arrangement and operation in the production of these kind in question, starting from the entimema as a central element. Simultaneously, specimens of the genre reader’s letter sent to the *Carta Capital* magazine, were analyzed to recognize in them the presence of these elements and to analyze how they combine and contribute to the making of the objective, clear and persuasive argumentative text. At the end of each meeting, from reading the magazine subjects, the student went on to produce similar letters to those sent to the reader’s section, with the purpose of employing the elements reconvened seen so far. This experience has shown that the use of these elements was able to contribute to improving this student practice of argumentative writing.

KEYWORDS: Reader’s letter - enthymeme - rhetoric - argumentation teaching.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Celso. A obsessão e o complexo de vira-lata. *Carta Capital*, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/obsessao-e-o-complexo-de-vira-lata>>. Acesso em: 12 ago. 2011.
- ARISTÓTELES. *Órganon*. São Paulo: Edipro, 2010.
- _____. *Retórica*. São Paulo: Edipro, 2011.
- BARBOZA, Jerônimo Soares. *Instituições oratórias de M. Fábio Quintiliano, escolhidas dos seus XII Livros*. Traduzidas em linguagem e ilustradas com notas Críticas, Históricas e Retóricas, para Uso dos que Aprendem. Tomo Segundo. Paris, Na Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud, 1836.
- BARTHES, Roland. A antiga retórica. In: _____. *A aventura semiológica*. São Paulo. Martins Fontes, 2001.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- CARVALHO, Ricardo. Todo poder à Fifa. *Carta Capital*, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/todo-poder-a-fifa>>. Acesso em: 12 ago. 2011.
- COSTA, Roberto Sérgio. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FISHER, Alec. *A lógica dos verdadeiros argumentos*. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.
- LEACH, Joan. Análise retórica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAIEROVITCH, Wálter. E o crime compensa. *Carta Capital*, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/e-o-crime-com-pensa/>> Acesso em: 12 ago. 2011.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: Heder, 1966.
- MARTINS, Rodrigo. O frei e o aborto. *Carta Capital*, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-frei-e-o-aborto/>>. Acesso em: 12 ago. 2011.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRETCHS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*:

a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PLATIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001.

NOTAS

* Este artigo é parte das discussões feitas pelo grupo de pesquisa / CNPq “Escrita: poder e subjetividades”, desenvolvida sob a orientação do professor Gerson Tavares do Carmo, no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (UENF). Colaboraram na sua elaboração Bruno José Aragão Pereira e Karine Lôbo Castelano, mestres pela Universidade Estadual do Norte Fluminense.

¹ *Carta Capital* é uma revista semanal publicada pela Editora Confiança, SP, tendo Mino Carta como editor chefe.

Recebido em: 31/05/2013.

Aceito em: 31/07/2013.